



Divulgação

Queer



Divulgação

A Substância



Divulgação

O Quarto ao Lado

O filme do ano:

QUEER, de Luca Guadagnino (Itália/EUA): É a mais ousada investigação do diretor de “Me Chame Pelo Seu Nome” (2017) sobre o desejo e seus impasses. Concorreu ao Leão de Ouro e está na disputa pelo Globo de Ouro de Melhor Ator, à força do devastador desempenho de Daniel Craig, o último 007. No roteiro escrito pelo dramaturgo Justin Kuritzkes, fotografado pelo tailandês Sayombhu Mukdeprom nos estúdios Cinecittà (Roma), o imigrante William Lee (Craig, impecável) passa as noites a se emburacar no álcool, em flertes com rapazes. Vive só, cercado por outros americanos expatriados, igualmente carentes. Ao conhecer o jovem Eugene Allerton (Drew Starkey), Lee acredita ser capaz de estabelecer uma ligação íntima. Acaba por levar o sujeito numa jornada ao Equador, regada a plantas alucinógenas, em sequências com o diretor argentino Lisandro Alonso (“Jauja”) no elenco, ao lado da diva britânica Lesley Manville.

Nosso ranking

TESTAMENTO (“Testament”), de Denys Arcand (Canadá): Quase 21 anos depois do cult “As Invasões Bárbaras”, o historiador e realizador canadense enfrenta patrulhas ideológicas da contemporaneidade numa ácida cartografia da cultura woke. Com a ironia que lhe é peculiar, ele narra os dilemas do arquivista Jean-Michel Bouchard (Remy Girard, em estonteante em cena) diante de uma campanha pública para a destruição de um quadro na instituição onde vive. A pintura traz uma representação do encontro entre indígenas e colonizadores, o que irritou ativistas. Outro alvo deles é a dramaturgia do alemão Bertolt Brecht.

A SUBSTÂNCIA (“The Substance”), de Coralie Fargeat (Reino Unido/França): Uma receita de US\$ 77 milhões + o prêmio de Melhor Roteiro de Cannes + cinco indicações ao Globo de Ouro consagraram esta produção de US\$ 17,5 milhões que fez Demi Moore voltar aos holofotes. Ela interpreta

RETROSPECTIVA / CINEMA ESTRANGEIRO

Desejos, estranhezas e autorias

Titãs como Clint Eastwood e Pedro Almodóvar reafirmaram sua relevância num ano cheio de experimentos de gênero, sobretudo o terror

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Nenhum estúdio ganhou tanto dinheiro com a venda de ingressos em 2024 quanto a Disney, que ocupou o primeiro, o segundo e o quarto lugar do pódio das maiores arrecadações do ano, encabeçando a lista com a receita de US\$ 1,6 bilhão de “Divertida Mente 2”. Depois vieram “Deadpool & Wolverine” (com US\$ 1,3 bilhão) e “Moana 2”, até agora dom US\$ 792 milhões. Ou seja, Mickey Mouse peitou o fantasma do esvaziamento das salas de projeção num período de 12 meses em que grandes vozes autorais (Woody Allen, Hayao Miyazaki, Wim Wenders, Emily Atef, Tim Burton, Marco Bellocchio) mobilizaram o circuito brasileiro. Foi um siciliano já cinquentão (53) quem nos deu o título mais provocativo de janeiro até aqui. Confira a seguir o que mais se viu de imperdível de janeiro para cá:



Divulgação

Testamento

uma estrela decadente, Elisabeth, que passa por um experimento, consumindo uma fórmula que faz seu corpo rejuvenescer e dar lugar a uma nova persona, Sue (encarnada por Margaret Qualley), num prazo determinado. A ambição pelo estrelato vai desrespeitar esse tal prazo, gerando consequências monstruo-

sas (literalmente) num body horror que expõe o culto à celebridade e a vaidade excessiva. A condução da trama é eletrizante.

O QUARTO AO LADO (“The Room Next Door”), de Pedro Almodóvar (Espanha/EUA): Ao se arriscar nas veredas da